

# Bonga: A vida inteira num semba – Por Jorge Madeira\* e Pedro Nogueira Simões

written by Pedro Nogueira Simões | 1 de Setembro, 2025

**OCIDADÃO**  
Journalism Online

**OPINIÃO**

**Jorge Madeira**

**Pedro Nogueira Simões**





Bonga. Foto de AGENDA CULTURAL de LISBOA

**Em Lisboa**, Setembro ganha um sabor especial. Não é apenas o mês em que o verão começa a despedir-se, é também o mês em que celebramos os **83 anos de Bonga**, esse homem que transformou dor em canto, resistência em melodia, saudade em festa. No dia 5, o LAV – Lisboa ao Vivo será mais do que um palco: será um altar de memória, vida e música.

Bonga, nasceu **José Adelino Barceló de Carvalho**, em **Angola**, em **1942**. Cresceu entre a tradição do Semba e o sonho de liberdade. Foi atleta, velocista, campeão nacional, mas o destino guardava-lhe outra corrida: a do exílio, da música e da luta contra a opressão. Quando a sua voz se ergueu, não foi apenas para cantar amores e festas; foi para cantar Angola inteira, com as suas feridas, as suas esperanças, os seus caminhos por fazer.

Perseguido pela PIDE por dar voz ao clamor da independência, Bonga evadiu-se sorrateiramente de Lisboa para a Holanda, onde foi acolhido pela expressiva comunidade cabo-verdiana lá

residente na condição de emigrante, juntando ao seu Semba, o perfume da Morna e da Coladera pelas mãos do seu amigo Djunga di Biluca, fundador da Morabeza Records.

Viveu em vários países, carregando no peito a dor da distância. O Ngoma e a Dikanza eram os seus passaportes; a música, o seu abrigo. Em Paris, ao lado do lendário Batalha Bob Júnior, ousou pisar o palco num dia em que o cabeça de cartaz era o renomado cantor francês, Charles Aznavour. Uma noite distante, mas bem presente na vida de Bonga Kuenda.

Lisboa foi porto e ponte, cidade que o acolheu e à qual retribuiu com canções que são também nossas, porque falam de humanidade, de liberdade, de dignidade. Entre Angola e Portugal, Bonga construiu uma identidade mestiça e universal, provando que a cultura não conhece fronteiras.

Os seus discos, como Angola 72 ou Kaxexe, são capítulos de uma autobiografia coletiva. Cada semba é memória viva de um povo que sofreu mas nunca desistiu de dançar. A sua voz, rouca e profunda, é uma cicatriz transformada em arte. Ouvir Bonga é aprender que o sofrimento pode ser fértil, que da dor pode nascer beleza, que da ausência pode florescer presença.

**No Fest Semba Lisboa**, Bonga não estará sozinho. Paulo Flores, Daniel Nascimento, Eddy Tussa, Patrícia Faria, Klaudio Hoshai, Kanu André e Helvio juntam-se a ele, como filhos artísticos que reconhecem no mestre o caminho aberto. Mais do que uma festa, será um rito de passagem: de uma geração que lutou com música para uma nova geração que herda esse património de coragem.

A lição de vida de Bonga é simples e, ao mesmo tempo, grandiosa: **viver com verdade**. Não ceder ao esquecimento. Amar Angola sem deixar de amar Portugal. Ser cidadão do mundo sem perder a raiz. A sua trajetória mostra-nos que a música pode ser arma, mas também colo; pode ser denúncia, mas também celebração.

Aos 83 anos, Bonga não é apenas um cantor. É testemunha, memória, símbolo e farol. O seu exemplo lembra-nos que a dignidade se canta, que a liberdade se dança, e que a identidade nunca se perde enquanto houver uma voz para a proclamar.

Em Lisboa, neste Setembro, não se comemora apenas um aniversário. Celebra-se a resistência, o amor, a vida inteira num semba.

\*Jornalista